



Uma dança de guerra preparada pelos Txucarramães

Rev. Domingo / JB
11/08/85

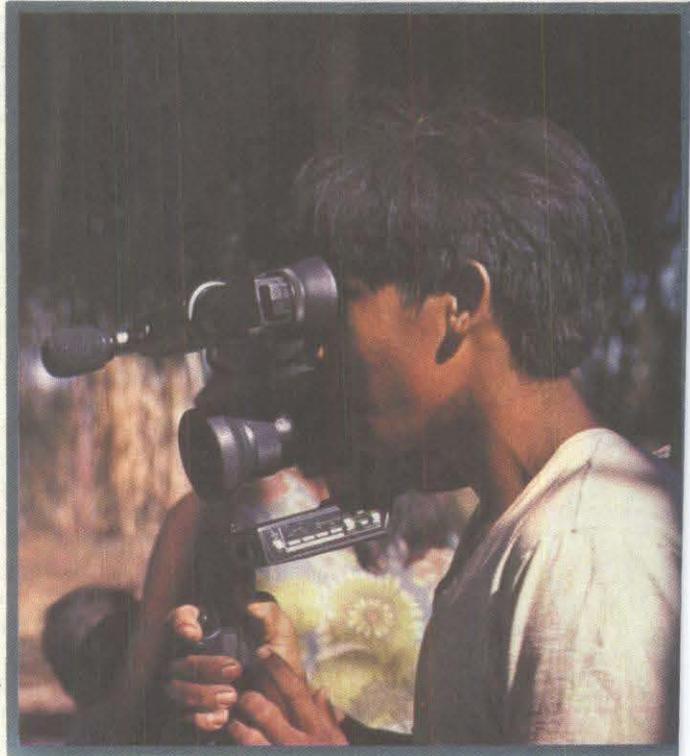
VT para os índios

Júlio Worcman

Os Kayabis e os Txucarramães estréiam com a câmera na mão

Com a ajuda de dois jovens estudantes de Antropologia, os índios do Parque Xingu, que já participaram como "atores" de dezenas de filmes e programas de televisão, se transformaram agora em telespectadores e, o que é mais curioso, em operadores e mesmo diretores de vídeo. Durante o último mês de junho, algumas tribos da nação Kayabi e os Txucarramães vibraram com o **Globo Repórter** sobre o seqüestro de uma balsa feito pelos próprios Txucarramães no ano passado; se deliciaram com suas próprias imagens vendo trechos da série Xingu e se emocionaram com dois vídeos, o programa que deu maior lbope: um sobre o processo de atração dos

índios Arara e **Conversas do Maranhão**, sobre a luta dos Canela para reconquistar suas terras. Os dois vídeos foram realizados pelo cineasta Andrea Tonacci. Mas a parte mais importante dessa operação tecnológica foi quando os índios, passando de espectadores a diretores, manipularam pela primeira vez uma câmera. "Eles nos entrevistaram, filmaram bastante e dirigiram muito do que filmamos", conta Tico Rios, 24 anos. Ele e seu colega e sócio na Veneta Produções, Renato Pereira, 25 anos, foram ao Parque do Xingu especialmente convidados pelas lideranças indígenas. "No início", explica Tico, "a gente ficou meio deslocado, porque lá o homem tem real-



Payê, um índio Kayabi, em açã

vídeo

mente apenas o valor do que produz. Mas todo dia, ao cair da tarde, passávamos vídeos e os índios adoravam”.

A temática das 13 horas de vídeo gravadas em junho está toda ligada aos problemas dos indígenas e a seu cotidiano. Os Kayabis, por exemplo, gravaram depoimento dos mais idosos sobre a história dos contatos com os brancos e receitas de comidas que consideram de valor ancestral: um mingau de mandioca doce com amendoim. As fitas serão exibidas para seus parentes que hoje moram no Pará e em Mato Grosso, ao norte e ao sul do Parque. Como figurantes desse vídeo-documento, eles reuniram duas tribos, que se pintaram e realizaram uma festa que há muito não ocorria. Para Caniso, chefe da tribo Capivara, da nação Kayabi, “a festa é para que nossos parentes tenham orgulho de ser Kayabis”.

Como essa nação está hoje ameaçada pela construção de uma hidroelétrica em uma cachoeira no Rio dos Peixes — onde acreditam terem nascido e estarem enterrados seus mortos — os índios-cineastas aproveitaram a oportunidade para denunciar em seus vídeos o que a barragem vai representar: a extinção de seu passado e de sua história, além dos danos ecológicos.

Já os Txucarramães, que ficaram divididos durante 16 anos, preferiram comemorar a recente incorporação ao Parque das terras acima da estrada Cuiabá-Porto Velho. Juntos novamente, 500 índios estão construindo uma aldeia nova. O vídeo acompanha essa construção e mostra muitas festas, algumas das quais não se realizavam há 40 anos, além da história dos contatos com o branco e a discussão sobre a atual situação do grupo diante das frentes de expansão da civilização.

Desse vídeo acabaram constando algumas cenas imprevistas: quando estavam usando o equipamento de ví-

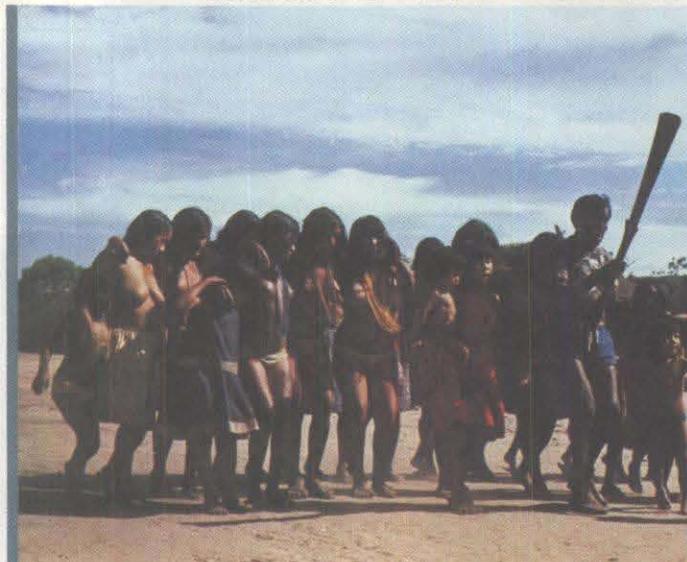
deo pela primeira vez, filmando a abertura da roça, os Txucarramães souberam que os fazendeiros que antes dominavam a área, ameaçavam o governo de voltar ao local se não fossem indenizados logo pelo que perderam com a nova demarcação. Os chefes aproveitaram então para registrar sua dança de guerra. “É para mostrar aos brancos que estamos preparados”, avisou Megaron, guerreiro Txucarramãe, o primeiro índio a assumir as funções de diretor do Parque Xingu.

Ao lado de Ianokula, índio que viveu 20 anos na cidade e que hoje divide a administração do Parque, Megaron é um dos principais quadros políticos do Xingu. Eles são os grandes incentivadores do projeto de implantação do uso de vídeo na região, pois acreditam que a tecnologia pode funcionar como meio de comunicação entre as tribos e instrumento de reforço da identidade cultural de seu povo. Tico e Renato já estão selecionando outros vídeos para levarem na próxima viagem ao Xingu em setembro. Eles se sentem como empregados dos índios e sabem que todo material produzido é de propriedade do Parque.

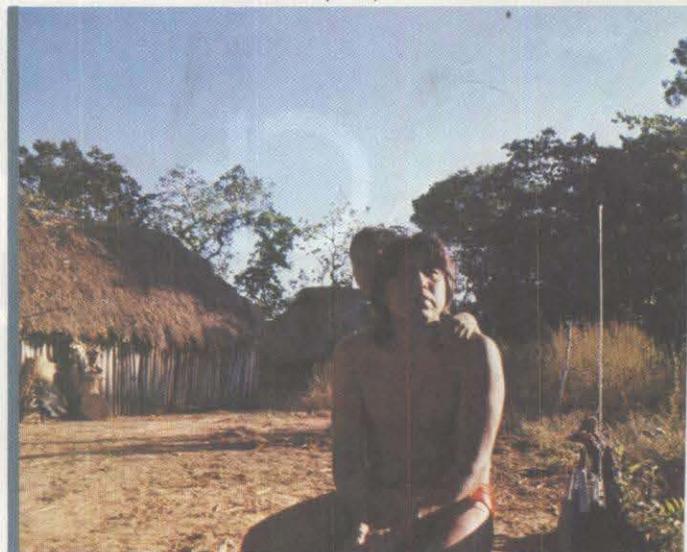
“Até para prestarmos depoimento para essa reportagem e ceder as fotos”, informaram, “tivemos que consultar o Magaron, que aprovou a idéia”. Na próxima viagem eles levarão para os parentes dos Kayabis no Pará o material que gravaram em junho. “Depois”, acreditam, “só faltará treinar uma equipe de cinco índios e a coisa deverá caminhar sozinha”. A Veneta Produções está procurando contatos com entidades indigenistas européias para conseguir financiamento para o projeto. Além disso, a administração do Parque, por intermédio de Megaron, está pleiteando da Receita Federal a doação de equipamentos apreendidos na Alfândega. “O vídeo vai devolver aos índios as imagens que os brancos vampirizaram”, resume Renato. **D**



Caniso, chefe Kayabi, explica o Globo Repórter



Uma festa Kayabi para mostrar aos seus parentes



Megaron, administrador do Xingu